

***“A mania espírita nos sertões”:* condenações às práticas de leitura e propaganda espírita nas obras contra as secas**

DOI: 10.4025/rbhranpuh.v7i21.26035

Marcos José Diniz Silva¹

Resumo: O artigo trata das condenações ao espiritismo no jornal católico O Nordeste, através de dois artigos que enfocam a expansão das ideias espíritas nos sertões do Ceará no início dos anos de 1920. O aspecto original dessa atitude condenatória repousa no destaque à difusão do livro espírita e das práticas de leitura nos canteiros de obras contras secas. Desenvolve-se, para o caso, uma análise dos mecanismos desse discurso condenatório às práticas de leitura e apropriação pelos trabalhadores, agregando elementos documentais e indiciários das sociabilidades vivenciadas nas obras contra as secas e das condições sociais particulares locais que permitiram a emergência de relações marcadas pelas trocas culturais e difusão de um pensamento civilizatório e modernizante no espaço sertanejo.

Palavras-chave: Espiritismo; livro espírita; práticas de leitura; obras contra as secas.

"The spiritualist craze in the backlands": condemnation of the practice of reading and Spiritualist propaganda in the works against drought

Abstract: The article deals with the convictions to spiritualism in the Catholic newspaper The Northeast, through two articles that focus on the expansion of spiritist ideas in Ceará hinterlands in the early 1920. The original aspect of this judgmental attitude lies in the emphasis on the dissemination of the spiritual book and reading practices in dry cons construction sites. It is developed for the case, an analysis of the mechanisms of speech condemning the practices of reading and appropriation by the workers, adding documentary evidence and evidentiary of sociability experienced in the works against droughts and local private social conditions that allowed the emergence of marked relations the cultural exchange and dissemination of a civilizing and modernizing thought the backcountry space.

Keywords: Spiritualism; spiritualist book; reading practices; works against droughts.

"La mania espiritualista en el interior del país": convicciones a las prácticas de lectura y propaganda espiritualista en las obras contra la sequía

Resumen: El artículo trata de las convicciones de espiritismo en el periódico católico El Nordeste, mediante dos artículos que se centran en la expansión de las ideas espíritas en Ceará Tierras del Interior a principios de 1920. El aspecto original de esta actitud condenatoria es la difusión del libro y de las prácticas de la lectura en sitios de construcción contra la sequía. Desarrolla una análisis de los mecanismos de este discurso condenatorio a las prácticas de la lectura y la apropiación de los trabajadores, añadiendo pruebas documentales y probatorio de la sociabilidad vivenciadas en las obras contra la sequía y lugares particulares que permitieron el surgimiento de las relaciones

¹ Professor Adjunto do Curso de História da Faculdade de Educação, Ciências e Letras do Sertão Central - FECLESC (Campus Quixadá), da Universidade Estadual do Ceará - UECE. É doutor em Sociologia Universidade Federal do Ceará, 2009, com a Tese: "Moderno-espiritualismo e espaço público republicano: maçons, espíritas e teosofistas no Ceará". E-mail: marcos.diniz@uece.br

marcadas por el intercambio cultural y la difusión de un pensamiento civilizador y la modernización en el espacio sertanejo.

Palabras clave: espiritismo; libro espiritualista; prácticas de lectura; trabajos contra las sequías.

Recebido em 09/12/2014 - Aprovado em 02/01/2015

Uma condenação, uma pista documental

O jornal O Nordeste, órgão semioficial da arquidiocese de Fortaleza, publicou nos dias 13 e 26 de junho de 1923, um ano após sua fundação, dois artigos do padre Alboino Pequeno², com o título “O espiritismo nos sertões”. O referido jornal não houvera publicado nada parecido desde sua fundação e, também, não publicaria mais nada sobre isso nos anos seguintes.

São artigos marcados por forte conteúdo de crítica e condenação católica à propagação das ideias espíritas nos canteiros de obras contra as secas no sertão nordestino, haja vista que o espiritismo já se consolidara nos maiores centros urbanos. Tais artigos apontam para possibilidades interpretativas, até agora inéditas, sobre aspectos desconhecidos da vida religiosa cearense e nordestina na década de 1920.

Destacam-se, no discurso do padre, elementos como: obras contra as secas, operários, vida rural, lar sertanejo, pureza cristã, espiritismo, leitura, livro espírita, perversão e loucura. Mas, em que consistiam as acusações do padre Alboino?

Em princípio, os ataques do clero católico ao espiritismo no Brasil, especialmente em seus documentos pastorais e na imprensa, sempre foram bastante acirrados, como consta em alentada bibliografia. No Ceará, não foi diferente. Contudo, a mudança de foco das atenções do sacerdote para a zona rural, para os sertões, traz um elemento novo desses embates, até então não mencionado naquele contexto de disputas e até hoje não explorado pela historiografia, sobretudo quando focado no contexto das obras contra as secas no nordeste brasileiro. Em primeiro lugar, porque os artigos do padre Alboino chamam a atenção para o aspecto das trocas culturais e de novas sociabilidades estabelecidas pelos técnicos e trabalhadores das grandes obras contra as secas entre si, nos espaços do trabalho, e com as populações locais. Em segundo lugar, denuncia-se um aspecto não menos relevante no tocante à história do espiritismo e das religiões no Brasil, que é essa modalidade de expansão das ideias espíritas - e não só delas, pois assunto para outro trabalho - através de pessoas letradas, trabalhadores mais qualificados, técnicos e engenheiros vindos dos grandes centros do Brasil e do exterior em larga escala, com frequência e com estadia demorada ou intermitente, e utilizando-se como ferramenta o livro espírita e certas práticas de leitura, seja das obras de Kardec, seja de médiuns como referido pelo padre.

² Padre João Alboino Pequeno foi pároco do município de Jardim (Diocese do Crato), no sul do Ceará, na década de 1920. Em 1934, tem seu nome registrado no jornal Correio Paulistano, à frente da Paróquia de Santa Terezinha de Higienópolis, e tido como “ilustre pregador”. Na década de 1940, aparece no jornal carioca A Noite, já monsenhor Alboino Pequeno. Atualmente Monsenhor Alboino Pequeno é nome rua no município do Crato-Ce, no bairro Seminário.

Ora, os dois aspectos encerram originalidades que até agora não foram rastreadas e trazidas à lume em suas devidas complexidades. Pois, a produção acadêmica brasileira sobre o fenômeno da seca e a história das intervenções do Estado brasileiro no sentido de minorar seus efeitos através de diversas obras, com destaque para a construção de barragens, tem sido substancial nas últimas décadas. Contudo, percebe-se que o tratamento dado à temática, quando centrada nas obras de açudagem em atendimento direto aos flagelados das secas, não tem considerado em mais profundidade o aspecto dos impactos culturais e, quando o fazem em algum nível, não adentram o aspecto das crenças e práticas religiosas.

Esses estudos, assentados geralmente em documentação de caráter técnico como relatórios, mensagens governamentais, estudos orçamentários e, em alguns casos, listas de trabalhadores, distinção de suas atividades, atuação assistencial dos engenheiros, permitem um acesso restrito às questões antes mencionadas. Contudo, apontam de modo patente para aspectos como a difusão da técnica, procedimentos científicos, ideias de progresso e civilização nas zonas rurais, inclusive com a criação obrigatória de escolas de alfabetização. (Cf. FERREIRA, 2009; MONTEIRO, 2012; CÂNDIDO, 2014)

Assim, o empreendimento historiográfico, no caso em questão, coloca-se diante da problemática do documento. De um lado, o indício de certos acontecimentos – a disseminação do espiritismo nos sertões – denotado pelo sacerdote católico em seu papel de fazer proliferar os “escritos canônicos” diante das ameaças à tradição (BOURDIEU, 2004,68) e, de outro lado, os indícios diversos nas documentações exaradas pelos historiadores das obras contra as secas, e demais indícios documentais disponíveis, que permitem traçar certa inteligibilidade desses indivíduos naqueles cenários. Ou seja, entendendo a problemática do documento com Jacques Le Goff, de que é preciso “delimitar, explicar as lacunas, os silêncios da história, e assentá-la tanto sobre esses vazios, quanto sobre os cheios que sobreviveram” (LE GOFF, 1990, p. 54). E, na busca desses “silêncios”, dessas “lacunas”, como na observação dos “cheios que sobreviveram”, resta exercitar a perspectiva *indiciária* das “zonas privilegiadas – sinais, indícios” para decifrar essa opacidade do real (GINZBURG, 2003, p. 177).

No Ceará daquele período pode-se destacar as grandes obras hidráulicas, como a pioneira construção do Açude Cedro, em Quixadá, no sertão central, entre os anos de 1884 e 1906. As demoradas obras do grande reservatório do Orós, na região centro-sul do estado, com intermitências nos anos de 1912, 1913, 1919, 1932, até os anos 1958 a 1961, quando de sua finalização. Também a construção dos açudes Patos (1915 a 1921), Araras (1920-1938/1951 a 1958), Forquilha (1919...), na região norte do estado, dentre outros. Além destas, muitas pequenas barragens, estradas de rodagens, ferrovias, em sua maioria destinadas a mobilizar emergencialmente para o trabalho consideráveis contingentes de populações rurais atingidas pelas secas recorrentes.

Assim, a investigação das relações entre esses trabalhadores e os técnicos, e demais pessoas concentradas nos canteiros das obras contra as secas, objetivando captar o teor das relações, as trocas de informações, valores e ideias entre indivíduos de mundos tão diferentes e distantes, requer o ajuizamento da busca *indiciária* nas entrelinhas das

informações dos relatórios técnicos, presentes nos já referidos estudos acadêmicos, que versam sobre questões tangencialmente úteis ao objetivo almejado nesse trabalho. E o padre Alboino lista essa diversidade de homens e suas profissões:

As obras contra as secas no Ceará tem servido de veículo ao ingresso de operários, engenheiros, chefes de turma, práticos, telefonistas, agrimensores, artistas vários que constituem a massa humana que se agita no local das obras salvadoras do Nordeste.³

É nesse cenário, nesse “torvelinho humano”, oficialmente montado com fins de fixação de trabalhadores nas regiões rurais do estado em períodos de seca, no intuito de impedir suas migrações à capital, que se levanta a possibilidade de descortinar o tipo de relações estabelecidas, muito provavelmente nos pequenos grupos de homens, nas relações mais próximas, ou individualizadas, entre elementos mais qualificados ou, no dizer do articulista, “melhor contemplados”.

É nesse meio que o atento colaborador d'O Nordeste vai descrever os mecanismos da penetração espírita:

Compram-se, tomam-se por empréstimo livros vários de *mediuns*, publicações espíritas de vários autores, entre os quais predomina o célebre Allan Kardeck, e transportam certos operários melhor contemplados nas obras contra as secas, para o interior dos sertões, estes livros perniciosos, que gravam dolorosos males em certos espíritos.⁴

Tem-se aqui o segundo aspecto a destacar dos artigos do padre Alboino Pequeno: a modalidade de expansão da ideia espírita. Dá a entender, claramente, que se vendem livros espíritas nesses locais, que se os empresta e que dali partem os livros nas mãos dos operários “melhor contemplados” para o “interior dos sertões”.

Quem estaria a vendê-los? Quem os emprestaria? Quem adquiriria esses livros? Como se posicionariam os responsáveis diante desse tipo comportamento nos canteiros de obras? Porque não se tem menção a essas práticas nos documentos diversos produzidos nesses empreendimentos? Porém, o autor ressalta o quadro geral de analfabetismo nos sertões, temendo as consequências de um sertanejo que “mal soletrando por cima, como dizem eles na gíria comum”, manusear o “*livro do médium*”⁵

Desenham-se aqueles canteiros de obras como ambientes favoráveis à difusão da ideia espírita para localidades mais distantes, para as cidades de origem daqueles trabalhadores em suas folgas ou finais de obras.

³ O espiritismo nos sertões. **O Nordeste**. Fortaleza-Ce, 26 jun.1923. Manteve-se a grafia original.

⁴ O espiritismo nos sertões. **O Nordeste**. Fortaleza-Ce, 13 jun. 1923. (Grifo do autor)

⁵ Idem, 26 jun. 1923. (Grifo do autor)

Observa-se que o registro da prática do empréstimo de livros, como também a simples doação, ou os “esquecimentos” de livros em certos lugares, são estratégias correntes de difusão de uma doutrina assentada no livro, como a espírita.

“Neste torvelinho humano... a grande porcentagem dos maus”

Inicia o padre Alboino tratando dos “males sociais” das grandes capitais do País que, como a “hydra de sete cabeças, estende ramificações no amago dos sertões brasileiros”. São os “males urbanos” que invadem “de mansinho o campo, outrora terreno apto a germinar a boa semente do Evangelho”. Mas, nem tudo está perdido, diz, pois nem sempre os lares sertanejos acolhem os “*pregadores de nova religião*”.⁶ Nesses três primeiros parágrafos o autor vincula a nova ideia religiosa a um mal social do seu tempo, considerando que, se nos meios urbanos não há mais retorno, no campo os “lares honrados” ainda resistem.

O movimento das obras contra o “flagelo das secas periódicas no Ceará”, fez importarem-se para esses locais grande número de pessoas de vários estados, “muitos delles estranhos ao meio, vesados em hábitos diametralmente opostos às tradições cearenses”⁷ Que hábitos seriam esses? Quais eram essas tradições cearenses? Sem dúvida, mas não explicitado, era a tradição católica. Os costumes católicos dos lares sertanejos estavam sendo abalados pelos males urbanos. Pois, segundo o padre Alboino, desse grande número de operários, engenheiros, dirigentes de turmas, “talvez em numero limitado existissem alguns que contivessem os bons princípios da religião e moral christans”⁸

O sacerdote afirma já serem comuns os “princípios socialistas e anarchistas” encontrados nos operários que regressam dessas obras, “desiludidos das taes *pagas* de salário”. Mas, os prosélitos das várias seitas têm aproveitado o ensejo para “propagar doutrinas contrárias a Fé”. Assim, doutrinas politicas condenadas somavam-se às seitas religiosas contrárias à “Fé”, “originados naquelle meio onde tumultuaram vários cérebros no afan de conseguir dinheiro, a mola vital da epocha”.⁹

Dez dias depois, voltando ao tema, o autor é mais explícito sobre as condutas dos que para essas obras seguiam e os prejuízos à “Religião” dos cearenses, pois “Nesse torvelinho humano nem sempre se encontram homens dignos, há de existir a grande porcentagem dos maus ou daqueles que vem ao local das obras com intuios secundários de propagandas ofensivas à Religião e à Moral do povo cearense”¹⁰

Há, então, uma forte condenação ao ambiente das obras, ao caráter das relações, hábitos, valores e condição moral daqueles homens. Observe-se que não se trata apenas dos trabalhadores, dos operários, mas também dos homens qualificados já citados. São

⁶ O espiritismo nos sertões. **O Nordeste**. Fortaleza-Ce, 13 jun. 1923. (Grifo do autor)

⁷ Idem.

⁸ Idem.

⁹ Idem. (Grifo do autor)

¹⁰ O espiritismo nos sertões. **O Nordeste**. Fortaleza-Ce, 26 jun. 1923

eles, no entender do padre, os frutos dos males sociais, das muitas doutrinas, das coisas urbanas, do tumulto do mundo.

Há, portanto, uma referência implícita, toda negativa, aos elementos do moderno. Trabalhava-se, nesses locais, sob a ordem do discurso científico, ao comando supremo dos engenheiros, das comissões técnicas. Vivia-se, naquele início do século XX, o impacto do cientificismo, do positivismo, do evolucionismo, do materialismo, e diversas doutrinas que daí decorriam ou delas partilhavam.

Note-se que diversos trabalhos recentes sobre relações de trabalho, as polemicas entre engenheiros e comissões técnicas das obras contra as secas no Ceará ou obras estruturais em atendimento emergencial às populações flageladas pelas secas frequentes, nas primeiras décadas do século XX, encontram-se diversos elementos que indicam a difusão das ideias de progresso, civilização e paradigmas científicos naqueles meios, como durante a construção do açude Patos, em Sobral, região norte do estado, onde o engenheiro Rômulo Campos, em relatório final datado de 1918, afirma que “instalou uma escola mista para os filhos dos operários [com vistas] a contribuir para diminuir o número de analfabetos, um dos grandes males do sertão”(FERREIRA, 2009, p.87).

Também o jornal sobralense *A Ordem*, de novembro de 1919, faz menção a uma escola nas obras do açude Forquilha, na mesma região e também sob a responsabilidade do engenheiro Rômulo Campos, constando “que teve uma boa frequência dos alunos, sendo 70 homens e 20 mulheres”. (FERREIRA, 2009, p.88)

Por fim, a referida autora cita ainda o potiguar Felipe Guerra quando afirma que no interior das obras contra as secas havia a intenção de elevar moralmente os indivíduos, educando-os “dentro de uma metódica e racional instrução”, realizando “reuniões instrutivas”, em que eram mostrados “os trabalhos dos centros adiantados, o *conhecimento do mundo* e, em particular, a História, a Geografia, o completo conhecimento da grande pátria.” (GUERRA, Felipe *apud* FERREIRA, 2009, p.88. Grifo nosso).

Enfocando a atuação da Inspetoria de Obras Contra as Secas - IOCS, a formação dos engenheiros civis e sua atuação específica na construção do açude Tucunduba, na região norte do estado do Ceará, entre 1913 e 1918, Lima (2010, p.106-114) destaca a importância dada pela instituição, através de regulamento de 1911, à formação profissional dos trabalhadores e à instalação de escolas primárias junto às obras, para os seus filhos e demais habitantes das proximidades.

Não bastasse o estatuto científico crescentemente hegemônico na explicação do mundo, concepções religiosas novas alinhavam-se a esse discurso moderno, como o espiritismo, a teosofia, ou mesmo a secular e esotérica maçonaria, não sendo raro encontrar-se, também socialistas e libertários alegando seus princípios científicos e transitando entre correntes espiritualistas.(Cf. SILVA, 2010) Portanto, o sacerdote ao referir-se à “grande porcentagem dos maus” parecia não ater-se a um julgamento do caráter individual desses homens, mas ao conjunto de suas crenças e valores, das ideias que circulavam naqueles *locus*, que se apartavam das “tradições”.

É possível encontrar autores que tenham se referido a essas agitações de pessoas, de comportamentos e ideias diferentes nesses locais, a exemplo do ocorrido

quando do início das obras do Açude Cedro: “A modesta vila matuta foi abalada em sua beatitude por uma chusma de homens diferentes, que pelos modos e hábitos logo denunciavam ser ‘gente de fora’” (SOUSA, 1997, p.53. Grifo do autor)¹¹.

O município de Quixadá veria, nos anos que se seguiram às obras do Cedro, seu incremento econômico, a implementação de diversas iniciativas culturais de caráter urbano, além de experimentos modernizantes nas áreas de agricultura, pecuária e formação técnica agrícola. Já em 1912 houve uma primeira tentativa de organização dos trabalhadores locais, adiada para 1915 e efetivada em 1921 como Aliança Artística e Proletária de Quixadá, reunindo os denominados trabalhadores “artistas”: ferreiros, mecânicos, flandeiros, barbeiros, sapateiros, pedreiros, mestres-de-obras, músicos, ourives, padeiros, alfaiates, com forte conotação maçônica nas lideranças, no modelo organizacional e na simbologia. (Cf. SILVA, 2007) Não há dúvida quanto às influências diretas das obras do Cedro sobre a fermentação intelectual desdobrada naqueles anos.

Padre Alboino, focando na ideia espírita, destaca as obras do açude Orós, situada no centro-sul do estado do Ceará, à época na jurisdição do município de Icó, fazendo limite a oeste com o município de Iguatu. Este município, que teve sua ligação ferroviária inaugurada em 1910¹² – de onde saiu um ramal para o Orós, inaugurado em 1922 –, recebeu o impacto das movimentações daquelas obras, já perceptíveis em empreendimentos organizacionais de considerável influência, como a fundação em julho de 1913 da sociedade União Artística Iguatuense, reunindo os trabalhadores locais, os “artistas” – de caráter assistencialista, previdenciário, educativo, cívico e laico, com clara orientação maçônica –, que influenciaria a modelagem de sua co-irmã de Quixadá, anos depois. Aliás, seu fundador, o alfaiate Sizenando Cavalcante, também figuraria como um dos destacados fundadores da referida Aliança Artística de Quixadá, já como maçom.¹³

Iguatu também sediaria uma sociedade esperantista a “Iguatu Esperantistaro”, fundada em 2 de julho de 1922, seguindo o movimento que se agitava em Fortaleza desde 1916 com a pioneira associação “Esperanto Klubo Cearense”. Havia um forte vínculo do movimento espírita brasileiro, e outras correntes espiritualistas, com o movimento esperantista, de modo que a Federação Espírita Brasileira (FEB), fundada em 1884, publicava notícias e atividades do movimento esperantista mundial e brasileiro, além de editar livros espíritas brasileiros e as obras de Allan Kardec na língua Esperanto.¹⁴

Sintomaticamente, um ano após a instalação da associação esperantista e dois meses após a publicação dos artigos do padre Alboino, exatamente em agosto de 1923, seria fundado, também em Iguatu, o Centro Espírita Dr. Dias da Cruz. Como se pode observar no quadro abaixo, a fundação daquele centro espírita, naquela data, configura um pioneirismo digno de reflexão, haja vista ter sido o primeiro do sertão do Ceará até à

¹¹ José Bonifácio de Sousa (1901-1970) era quixadaense. A referida obra teve sua primeira edição em 1960.

¹² Essa linha férrea da Rede de Viação Cearense, dali seguia mais para o sul alcançando Lavras, de lá bifurcando-se para Juazeiro e Crato, seguindo para Pernambuco ao sul; e para Cajazeiras e Souza na Paraíba, a sudoeste.

¹³ Sizenando fora iniciado na Loja Igualdade, de Fortaleza, aos trinta e cinco anos, por intermédio da Loja Ordem e Justiça, de Quixadá, em 1918.

¹⁴ Registre-se, também, que em 24 de março de 1922 já havia sido fundada, no município do Crato, a sociedade esperantista “Cariry Esperantista Associo”.

metade da década de 1940, curiosamente no já citado município vizinho de Icó, como indica a tabela abaixo.

INSTITUIÇÕES ESPÍRITAS CEARENSES FUNDADAS ENTRE 1897 E 1923		
INSTITUIÇÃO	FUNDAÇÃO	LOCALIZAÇÃO
Grupo Espírita Fé e Caridade	1897	Fortaleza
Grupo Espírita Verdade e Luz	1901	Maranguape
Grupo Espírita Caridade e Luz	1902	Maranguape
Centro Espírita Cearense	19/06/1910	Fortaleza
Centro Espírita Dr. Dias da Cruz	05/08/1923	Iguatu
Centro Espírita Ubaldo Tonar	1945	Icó

Fonte: Adaptada de Silva (2009 b, p. 328)

Ora, a preocupação do padre com o espiritismo nos sertões parecia dar conta de uma movimentação bem maior e mais organizada que suas linhas e entrelinhas puderam mostrar. Talvez em suas palavras condenatórias possam estar preciosas informações sobre as origens do espiritismo organizado naquela região.

Há que se considerar, também, que a sustentação do movimento espírita contou, entre finais do século XIX e primeiras décadas do século XX, a partir das capitais e maiores centros urbanos, com o imprescindível contributo da maçonaria – “afinidades eletivas” –, ante os ataques virulentos do clero católico (Cf. MACHADO, 1997; MONTEIRO, 2007; SILVA, 2009). Se se imaginar o sertão nordestino, no sul do Ceará, às vizinhanças do Juazeiro do Padre Cícero e suas tradições católicas, pode-se aquilatar que o espiritismo teria auferido um apoio estratégico da maçonaria local, como se pode vislumbrar em sua influência na citada organização dos trabalhadores naquela região sertaneja, configurando aos olhos do padre “a grande porcentagem dos maus”, que vão a esses locais para fazer “propagandas ofensiva à Religião e à Moral do povo cearense”. Ou, também, como diria o sacerdote no seu segundo artigo, atingindo “o ingênuo povo dos sertões de nossa terra”.¹⁵

“O espiritismo, mal da epocha”. Ou, condenando uma prática de leitura

O conjunto de ações persecutórias ao espiritismo promovidas pela igreja católica no Ceará, especialmente através do jornal O Nordeste¹⁶, foi amplo quer na polêmica com intelectuais espíritas, quer na publicação de estudos da medicina psiquiátrica, quer nas denúncias de casos policiais envolvendo supostos praticantes do espiritismo, restritos aos centros urbanos. (Cf. SILVA, 2009b) Todavia, a abordagem do padre Alboino sobre a

¹⁵ O espiritismo nos sertões. **O Nordeste**. Fortaleza-Ce, 26 jun. 1923.

¹⁶ Antes de O Nordeste, fundado em 1922, destacaram-se outros periódicos que estiveram a serviço dos interesses da Igreja católica e veicularam diversas matérias condenatórias ao espiritismo, tais como: Cruzeiro do Norte (1913), O Bandeirante (1911, 1929-1931), O Rosário, Aracati-Ce (1910-1918), Correio da Semana, Sobral-Ce (1918...).

expansão do espiritismo nos sertões, estampada no periódico da arquidiocese de Fortaleza, apontava para a questão inédita da leitura espírita e dos perigos do livro espírita.

Originando-se o espiritismo da denominada doutrina dos espíritos, que se apresenta como ciência e filosofia de consequências morais, transmitida fundamentalmente através do livro, constituiu-se num movimento cultural assentado na prática da leitura e da escrita, oriunda dos ditos encarnados ou de origem mediúnica.

No Brasil seu percurso incluiu desde o primeiro momento a publicação de jornais próprios, colunas em jornais leigos, revistas, livros diversos e traduções das obras de Allan Kardec. Não por acaso seria acolhido inicialmente pelas classes letradas, sobretudo bacharéis, militares e burocratas, constituindo vários grupos de estudos (precursores dos atuais centros espíritas). (Cf. DAMAZIO, 1994; MACHADO, 1997; AUBRÉE & LAPLANTINE, 2009)

A expansão do espiritismo nas primeiras décadas do século XX trazia consigo a marca intelectual de sua filiação ao racionalismo e ao cientificismo positivista assentado nas classes altas. Vindo a caracterizar-se “historicamente como uma religião de letrados, ou de pessoas que passaram pela escola” (LEWGOY, 2000, p. 115); enquanto sua popularização ou apropriação pela cultura brasileira de origem afrodescendente engendrava o que passou a ser chamado pelas autoridades policiais e pela imprensa como “baixo-espiritismo”, um sinônimo de feitiçaria.

Assim, a introdução do espiritismo no Brasil acrescentou mais um elemento à questão da relação entre religiosidade e cultura escrita, veio historiográfico fértil e ao mesmo tempo problemático tendo-se em consideração a tradição católica brasileira marcada pela oralidade, e pela tardia inserção do protestantismo numa sociedade majoritariamente analfabeta até às primeiras décadas do século XX. (Cf. CARVALHO, 2002, p.65)

Ora, um dos lemas mais difundidos nos meios espíritas e creditado ao “Espírito de Verdade”, afirma: “Espíritas; amai-vos, eis o primeiro mandamento; instruí-vos, eis o segundo”. Imperiosa, portanto, era a instrução, o aprimoramento intelectual e moral, sendo imprescindível a leitura, o contato com os livros espíritas, razão pela qual prosperou nos meios intelectuais enquanto ciência e filosofia, expandindo-se nas camadas populares por suas práticas assistenciais e caritativas, especialmente na versão de curas espirituais e receituários mediúnicos. (Cf. GIUMBELLI, 1997a) Essa talvez uma razão da falta de registros sobre a trajetória do espiritismo no Brasil pela via da leitura, dos percursos dos livros espíritas e de seus efeitos sobre as várias camadas da população.

Assim, a chegada da literatura espírita aos “sertões” do nordeste das secas bem representava algo digno de alarme na visão do padre Alboino. O que, a seu ver, se configurava numa violência ao sertanejo analfabeto e puro nos seus sentimentos cristãos.

Retomando seu texto, quando diz “Compram-se, tomam-se por empréstimo livros vários de *mediuns*, publicações espíritas de vários autores, entre os quais predomina

o célebre Allan Kardeck...¹⁷, pode-se observar que há a referência às modalidades de acesso ao livro, pela compra e empréstimo; e, quanto aos autores, médiuns diversos e Allan Kardec. É um diagnóstico com vias a legitimar o combate, mas ao mesmo tempo indica uma logística no empreendimento da difusão da vasta literatura espírita que confere com as práticas do movimento; o que permite vislumbrar que havia um “comércio” de livros espíritas nesses ambientes de trabalho e convivência. E, completa: “e transportam certos operários melhor contemplados nas obras contra as secas, para o interior dos sertões, estes livros perniciosos, que gravam dolorosos males em certos espíritos”.

Os tais “livros perniciosos” representam para o sacerdote algo muito próximo da seguinte assertiva de Pierre Bourdieu: “O poder sobre o livro é o poder sobre o poder que exerce o livro” (BOURDIEU & CHARTIER, 1996, p. 243). Ou seja, em seu debate com Roger Chartier sobre a leitura como prática cultural e os caminhos e condicionantes da *apropriação* no ato da leitura, o autor chama a atenção para as pretensões de monopólio. Sendo que, no caso em questão, o sacerdote católico não disputa com o leitor o controle sobre a leitura e interpretação da Bíblia, por exemplo, mas, sim, de livros condenados pela Igreja, de “livros perniciosos”. Não deixa de ser uma atitude inquisitorial que extrapola o lugar da heresia, do controle canônico, indicando os meandros das disputas e conflitos de um “campo religioso” em formação. (Cf. BOURDIEU, 2004; SILVA, 2009a) Nesse entendimento, aqueles operários sertanejos das obras contra as secas ao apoderarem-se dos livros espíritas tornavam-se sujeitos e objetos do “poder que exerce o livro”. Daí, no dizer de padre Alboino, aquilo gravava “dolorosos males” naqueles “espíritos”.

Prosseguindo na descrição do contato dos trabalhadores com os livros e suas práticas de leitura, descreve:

Ahi para o extremo sul do Estado, regressando um moço, chefe de família, dos labores de Orós, afora revistas ilustradas, gravemente mundanizadas, conduziu também o celebre ‘Livro do medio’, de Kardeck. Noites de vigília são empregadas na leitura da *sciencia* do espiritismo. Informações colhidas no próprio lar do novel *espírita*, confirmam o prurido de curiosidade do pobre moço que dantes tinha Fé, praticando os deveres religiosos¹⁸

Nota-se que o material de leitura era mais variado, mas sempre mundanizado em seu parecer. Um indicativo da preocupação pedagógica com o poder que a leitura exerce, e por mundanização é possível deduzir que se referia aos valores urbanos, aos novos costumes e às modas mais acessíveis através das perigosas “revistas ilustradas”. Mas, padre Alboino destaca o “Livro do medio, de Kardeck” como central na produção de

¹⁷ O espiritismo nos sertões. O Nordeste. Fortaleza-Ce, 13 jun. 1923. (Grifo do autor)

¹⁸ Idem. (Grifo do autor)

males. No caso de *O Livro dos Médiuns*, de Allan Kardec, publicado em 1861, realmente trata-se de orientação teórica e prática para a formação do médium, para as evocações e o trato com os espíritos. O sacerdote grifou o termo ciência em clara ironia, pois é recorrente nos meios espíritas afirmar-se que o referido livro trata do aspecto científico da doutrina.

Adentrando à prática de leitura do denominado “*novel espírita*”, chama a atenção para as condições de leitura. Leituras à noite. Noites dedicadas à “sciencia” do espiritismo. Ressalta a curiosidade daquele moço que antes “tinha Fé”. O poder que o livro espírita exercia, no entender do sacerdote, destruiu a fé, desviava dos “deveres religiosos”. No caso em combate, “invadio-lhe a inteligência, para talvez, de futuro, atirala para o abismo da perversão e talvez da loucura”¹⁹ Ao colocar o “talvez”, o articulista não diminuía a periculosidade da leitura espírita aos seus leitores, mas realçava o risco, o poder de contaminação desse conteúdo, pois afirma que o espiritismo “é um dos males actuaes que invadem os santuários dos lares christãos”;²⁰ é o “mal da época”, reforço retórico, referência direta ao imaginário de seu tempo onde remanesciam os pavores das epidemias, das pestes.

No segundo artigo, padre Alboino volta à carga:

Não é somente nos centros populosos que a malefica propaganda do espiritismo vae agindo sorrrateiramente: no âmago dos nossos sertões vae se propagando a mania do espiritismo que terá péssimas consequências.²¹

Em tratando dessa propaganda “maléfica” e “sorradeira” no “theatro de acção que offerecem as diversas agglomerações de operários” das obras contra as secas, o sacerdote chama novamente a atenção para o leitura de *O Livro dos Médiuns*:

O sertanejo *mal soletrando por cima*, como dizem eles na gíria commum, certamente manuseando o *livro do medium*, como se me deparou um na povoação de ... tomará a nuvem por Juno e é uma lastima a formação *sui generis* destes *mediums*²²

A dificuldade de leitura impunha a estratégia do deciframento pela soletração, talvez não de todos os leitores, mas era a realidade que servia aos propósitos de

¹⁹ Idem. A propaganda antiespírita naquele contexto alardeava que os hospícios estavam repletos de vítimas do espiritismo. (Cf. GIUMBELLI, 1997(b); ISAIA, 2007; 2008; 2010)

²⁰ Idem.

²¹ O espiritismo nos sertões. **O Nordeste**. Fortaleza-Ce, 26 jun. 1923.

²² Idem. (Grifo do autor). Outro aspecto sutil dessa passagem, que merece reflexão, é a recusa do padre em dizer em qual “povoação” ele presenciou uma pessoa “mal soletrando por cima” *O Livro dos Médiuns*. Estaria o sacerdote articulista se preservando da denúncia porque realmente lá estivera? Seria um conhecido o iniciante espírita ali denunciado? Fica a tensão nas entrelinhas como demonstrativo de condições de uma correlação de forças nesse campo de disputas, onde as palavras estão carregadas de poder e consequências.

desqualificação da formação do “novo” espírita, reduzido necessariamente a um médium. O manuseio do “*livro do médium*” naquelas condições, a seu ver, daria origem a um médium muito original, de qualidades muito precárias; como se, com boa formação escolar, naquele seu entendimento, pudesse alguém ser considerado um bom médium.

Como ensina Chartier (2001), a apropriação da leitura sempre se dá no contexto de relações de um mundo social particular. Nela há sempre disputa, conflito, tentativas de controle.²³ Assim, no caso em questão, nesse primeiro momento, é o leitor e suas condições de apropriação que estão em julgamento. Inclusive o padre informa que presenciou esse manuseio do livro pelo sertanejo. Talvez não tenha visto, talvez tenha. O que não se pode perder de vista é seu esforço de argumentação no combate ao “mal da época”. E para “comprovar o asserto”, passa, em seguida, a citar um “caso” em obras na Paraíba, limítrofe com o Ceará a sudeste, vizinhança do Icó, do citado açude Orós:

Passára longos meses em ‘Poço dos Paus’ e ‘S. Gonçalo’ (Parahyba), um moço recém-casado que resolveu estudar o espiritismo lá mesmo, no centro dos trabalhos, para voltar evocando no meio dos conterrâneos.

No acervo de labores de ‘S. Gonçalo’ não conseguiu passar além das páginas iniciais do “Livro do Medium”. Voltando ao penates depois de alguns meses, o novo *médium* procurou *aprofundar-se* no mistérios do espiritismo. – Vigílias contínuas, noites a fio no estudo acurado da *materia* deixaram o *médium* novo visivelmente abatido. Se não fora caridosa interferência da esposa do nosso jovem, estaríamos, quem sabe?, a vê-lo hoje internado na Porangaba...²⁴

Nota-se a preocupação do sacerdote em esquadrihar as condições da prática de leitura do suposto “*médium* novo”, a partir de sua leitura insuficiente, não indo da primeiras páginas de O Livro dos Médiuns; e seu esforço ao retornar ao lar, com vigílias contínuas, noites acordado nos estudos que o deixaram “visivelmente abatido”.

Em sua pretensão de monopólio da leitura correta, ao ressaltar a leitura proibida, padre Alboino não apenas desqualifica a capacidade de leitura do iniciante espírita, quanto sua dedicação noturna à leitura que, por razões desconhecidas, não poderia ocorrer durante os dias. Pode-se, também, questionar a referência do sacerdote à leitura noturna: seriam mesmo à noite? Como sabia? Leitura à noite no discurso condenatório do padre não emprestaria um ar de conspiratório, fantasmagórico no intuito de

²³ “[Pois] é preciso situar as apropriações [da leitura] dentro das relações sociais que definem um mundo particular (...) há sempre uma vontade de monopólio, de controle, de propriedade, e que a apropriação não se dá por si mesma, mas como resultado de um conflito, uma luta, de uma vontade em confronto com outra. (CHARTIER, 2001, p. 116-117)

²⁴ Idem. (Grifo do autor)

impressionar o leitor? Mais um efeito retórico? Assim, vincula o esforço do leitor a um processo de enfraquecimento, de abatimento de suas energias que, não fora “caridosa interferência da esposa” – suponho, interditando-o, o que também era uma terapêutica –, o jovem “*médium*” teria terminado como interno na Porangaba. Ou seja, interno no Asilo de Alienados daquele bairro de Fortaleza.²⁵ Com isso, mais uma vez o padre conclui com o alerta a seus leitores sobre a relação direta entre o contato com o espiritismo e a degeneração mental.

Nesse quadro, nem sempre é perceptível que na análise das práticas de leitura dos iniciantes do espiritismo combatidas pelo sacerdote, inclusive valendo-se do Index, seu discurso apresentado através do jornal também produzirá um processo de apropriação do seu texto pelo leitor fiel católico, chamado à ortodoxia.

Estão em jogo não apenas a condenação da propagação do espiritismo através da leitura, mas uma ação preventiva conotativa da pretensão de monopólio dos “bens de salvação”, no referente a leituras, junto aos fiéis contra a literatura e práticas de leitura espírita. Esse elemento pode ser visto ao final desse segundo artigo, em que padre Alboino alerta:

Como estes, sem dúvida, outros casos existem, manifestando a *mania* que se interna pelo remansoso silêncio dos nossos sertões. Cumpre, pois, aos que exercem o ministério parochial em nossos sertões envidar esforços para que a hydra do espiritismo não venha a envolver em seus tentáculos o ingênuo povo dos sertões de nossa terra.²⁶

Convoca, por fim, seus pares que exercem “o ministério parochial em nossos sertões” ao trabalho de combater o vício do espiritismo naquelas obras, naquele “torvelinho humano”; mas também para deter o avanço de um monstro, a “hydra do espiritismo” e seus tentáculos que avançavam no “remansoso silêncio dos nossos sertões” em direção ao “ingênuo povo” sertanejo. São figuras de linguagem, referências ao imaginário dos flagelos, do idílico sertão, a uma tradicional pureza cristã, revestindo um intenso, concreto e urgente combate religioso.

Considerações finais

O experimento analítico historiográfico em torno desses dois concisos textos do padre Alboino Pequeno permitiu, de maneira inédita, a entrada no universo dos combates religiosos das primeiras décadas do século XX no Brasil a partir dos elementos livro e leitura. Não menos importante é o fato de que o *locus* dessas práticas de leitura e foco de expansão das ideias espíritas tenha sido o cenário das obras contra as secas no nordeste.

²⁵ Fundado em 1886 sob a denominação de Asilo de Alienados São Vicente de Paula, no antigo distrito de Arnonches, localizado a 7km a sudoeste de Fortaleza. À época de padre Alboino chamava-se Porangaba, hoje Parangaba. E o asilo passou a denominar-se Hospital São Vicente de Paula.

²⁶ Idem. (Grifo nosso)

Embora os estudos sobre as obras contra as secas já tenham se firmado como tema historiográfico consolidado no interior da grande temática das secas, a observação da formação de sociabilidades e trocas culturais nesses ambientes ainda se constitui uma questão rica em possibilidades; tanto mais quando se explora o aspecto religioso inerente a essas sociabilidades.

No caso em questão, a vinculação da propaganda espírita nesses ambientes de trabalho, proporcionada pelos combativos textos do padre Alboino e até agora não mencionada na historiografia das secas, permitiu compreender os mecanismos de expansão do espiritismo através de agentes engajados nas referidas obras e suas trocas com as populações sertanejas através da difusão da literatura espírita, ensejando os elementos da apropriação do leitor e das pretensões de monopólio sobre o texto legítimo ou contra o texto interditado-demonizado, revelando elementos do campo religioso como também as particularidades daquele mundo social em seus aspectos mais amplos.

Enfim, os textos da padre Alboino favoreceram um pouco mais à compreensão do desenvolvimento do espiritismo no Brasil ao permitirem o registro de certos acontecimentos confirmados historicamente, ao mesmo tempo em que inspiraram o levantamento de indícios documentais complementares fazendo emergir um cenário mais amplo e historicamente inteligível e plausível.

REFERÊNCIAS

- AUBRÉE, Marion; LAPLANTINE, François. *A mesa, o livro e os espíritos: gênese, evolução e atualidade do movimento social espírita entre França e Brasil*. Tradução Maria Luiza Guarnieri Atik et al. Maceió: EDUFAL, 2009.
- BOURDIEU, Pierre. Gênese e Estrutura do Campo Religioso In: *A economia das trocas simbólicas*. Tradução Sérgio Miceli et al. 5ª ed., São Paulo: Perspectiva, 2004.
- CÂNDIDO, Tyrone Apollo Pontes. *Proletários das secas: arranjos e desarrajos nas fronteiras do trabalho (1877-1919)*. Tese de Doutorado em História. Fortaleza: Universidade Federal do Ceará, 2014.
- CARVALHO, José Murilo de. *Cidadania no Brasil: o longo caminho*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002.
- CHARTIER, Roger. *Cultura escrita, literatura e história. Conversas de Roger Chartier com Carlos Aquirre Anaya, Jesús Anaya Rosique, Daniel Goldin e Antônio Saborit*. Porto Alegre: Artmed Editora, 2001.
- BOURDIEU, Pierre; CHARTIER, Roger. A leitura: uma prática cultural In: CHARTIER, Roger (Org.) *Práticas da leitura*. São Paulo: Estação Liberdade, 1996.
- DAMAZIO, Sylvia F. *Da elite ao povo. Advento e expansão do Espiritismo no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1994.
- FERREIRA, Lara Vanessa de Castro. *Encxadas e compassos: seca, ciência e trabalho no sertão cearense (1915-1919)*. Dissertação de Mestrado em História. Salvador: Universidade Federal da Bahia, 2009.
- GIUMBELLI, Emerson. *O cuidado dos mortos: Uma história da condenação e legitimação do Espiritismo*. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 1997a.

- _____. Heresia, doença, crime ou religião: o Espiritismo no discurso de médicos e cientistas sociais. *Revista de Antropologia*. São Paulo, n. 40 (2), p. 31-82, 1997 b.
- GINZBURG, Carlo. Sinais: raízes de um paradigma indiciário In: *Mitos, emblemas e sinais: morfologia e história*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003, p.143-179.
- GUERRA, Felipe. *Ainda o Nordeste*. Natal: Typ d “a República”, 1927.
- ISAIA, Artur César. O espiritismo nas teses da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro. *História Revista*. Goiânia. v.12, n.1, jan./jun. 2007, p. 63-79.
- _____. O discurso médico-psiquiátrico em defesa do espiritismo na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro dos anos 1920. *Revista Brasileira de História das Religiões*. Maringá: UEM/GT-ANPUH. Ano I, n. 1, 2008, p. 206-212.
- _____. Transe mediúnico e norma médica na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro da primeira metade do século XX: o olhar de Xavier de Oliveira. *Revista Esboços* v. 17, n. 23, 2010, p. 31-50.
- LE GOFF, Jacques. A história nova In: LE GOFF, Jacques (Org.) *A História Nova*. São Paulo: Martins Fontes, 1990.
- LEWGOY, Bernardo. *Os espíritas e as letras: um estudo antropológico sobre cultura escrita e oralidade no espiritismo kardecista*. Tese de Doutorado em Antropologia. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2000.
- LIMA, Aline Silva. *Um projeto de combate às secas, engenheiros civis e obras públicas: Inspeção de Obras Contra as Secas – IOCS e a construção do açude Tucunduba (1909-1919)*. Dissertação de Mestrado em História. Fortaleza: Universidade Federal do Ceará, 2010.
- MACHADO, Ubiratam. *Os Intelectuais e o Espiritismo: de Castro Alves a Machado de Assis*. Niterói: Publicações Lachâtre, 1997.
- MONTEIRO, Eduardo C. *Maçonaria e espiritismo - encontros e desencontros: as relações de Allan Kardec e Léon Denis com a maçonaria*. São Paulo: Madras, 2007.
- SILVA, Marcos J. D. *No compasso do progresso. A Maçonaria e os trabalhadores cearenses*. Fortaleza: Expressão Gráfica/Edições NUDOC, 2007. (Coleção Mundos do Trabalho).
- _____. Catolicismo e Espiritismo: dimensão conflituosa do campo religioso cearense na Primeira República In: *Revista Brasileira de História das Religiões*. Maringá: UEM/GT-ANPUH, Ano II, n. 4, Mai. 2009a. Disponível em:<http://www.dhi.uem.br/gtreligiao/pdf3/texto6.pdf>
- _____. *Moderno-espiritualismo e espaço público republicano: maçons, espíritas e teosofistas no Ceará*. Tese de Doutorado em Sociologia. Fortaleza: Universidade Federal do Ceará, 2009b.
- _____. República e “Religião social”: maçons, espíritas e teosofistas no espaço público cearense. *Fenix – Revista de História e Estudos Culturais*, v. 7, ano VII, n. 03 (Uberlândia: set./ out./ nov./ dez. de 2010). Disponível em: www.revistafenix.pro.br.
- SOUSA, José Bonifácio de. *Quixadá e Serra do Estevão*. Fortaleza: Edições UFC, 1997.